



## FINANÇAS PESSOAIS: UM COMPARATIVO ENTRE A SABEDORIA DE SALOMÃO E A ABORDAGEM ATUAL PERSONAL FINANCES A COMPARATIVE BETWEEN THE WISDOM OF SOLOMON AND THE CURRENT APPROACH

**Friedbert Kroeger<sup>1</sup>**  
**Mariluce Emerim de Melo August<sup>2</sup>**

### RESUMO

Este estudo faz uma análise comparativa entre alguns dos provérbios encontrados na Bíblia com o ensino contemporâneo sobre finanças pessoais. A finalidade é verificar se a sabedoria emanada nos livros bíblicos de Provérbios e Eclesiastes ainda é atual, especialmente os que versam sobre finanças. Os enunciados analisados são agrupados por temas e comparados ao que educadores modernos propõem como orientação a seus ouvintes e leitores. Conclui-se que há uma harmonia surpreendente entre ambos. Permite entender a razão pela qual aqueles livros bíblicos são chamados de livros Sapienciais. A sabedoria relacionada ao comportamento humano em geral e aqui, em especial, a questões financeiras pessoais, parece permanecer constante no tempo. Eis aí uma boa razão para estudar e colocar em prática tanto o que ensinam os provérbios como as orientações dos educadores da atualidade. Aquele que quer melhorar a administração de suas finanças tem a sabedoria e o conhecimento à sua disposição.

**Palavras-chave: Finanças Pessoais; Salomão; Livros Sapienciais.**

### INTRODUÇÃO

A vida de uma pessoa consiste de diversas áreas. É possível mencionar o trabalho, o lazer, a saúde, a família, amigos, vida espiritual, e, não menos importante, as finanças. Estas, em maior ou menor grau, impactam as outras áreas da vida. Quando elas estão desorganizadas,

---

<sup>1</sup>Especialista em Teologia pela Faculdade Fidelis. Especialista em Contabilidade e Finanças pela UFPR. Planejador financeiro certificado pela Planejar (Associação dos Planejadores Financeiros CFP® no Brasil). fried10@gmail.com.

<sup>2</sup>Doutora em Teologia pela PUCPR. Docente da Faculdade Fidelis - mariluce.august@fidelis.edu.br

as outras áreas sofrem. Mesmo assim, acredita-se que grande parte da população não dá a devida atenção ao assunto.

O tema é antigo. O sábio Salomão incluiu em seu livro “Provérbios” vários enunciados sobre finanças pessoais. E na atualidade são oferecidos livros, artigos, palestras e cursos propondo a capacitação financeira pessoal. Os princípios para essa gestão emanados por Salomão, principalmente no livro de Provérbios, continuam válidos para os dias atuais? São semelhantes ao que se está ensinando?

Observam-se consultores financeiros, autores de livros e de páginas de internet e planejadores de finanças ensinando sobre como administrar melhor o dia a dia financeiro pessoal e familiar. Alguns defendem as suas convicções sobre a base de sua fé religiosa, extraíndo princípios da Bíblia. Outros oferecem uma abordagem essencialmente secular. Quer parecer, no entanto, que não há entre eles grandes divergências ao sugerir soluções para os problemas básicos com que uma pessoa se defronta em sua vida financeira: obter renda, equilibrar os gastos dentro de um orçamento, poupar e investir, usar crédito, fazer uma reserva para emergências e para a aposentadoria.

O presente artigo tem como objetivo mapear entre os provérbios de Salomão alguns que orientam questões práticas relativas às finanças pessoais e compará-los com os princípios de finanças ensinados por autores e consultores da atualidade. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos: levantar provérbios de Salomão que tratam de finanças pessoais, agrupando-os por tema; com o apoio de comentários bíblicos, buscar entender o significado dos provérbios; extrair dos ensinamentos de autores da atualidade os princípios de finanças pessoais correlacionados aos provérbios levantados e comparar os resultados.

O estudo do tema se justifica pela importância para a vida de qualquer pessoa. Muitos até conhecem bons princípios de finanças na teoria, mas não os aplicam em suas vidas. Caso haja coerência entre a perspectiva dos provérbios de Salomão e o que é ensinado na atualidade, isto resultaria em um argumento adicional sobre a sua validade. As conclusões desta pesquisa, portanto, são úteis para quem ensina sobre o assunto e para leitores que queiram aplicá-las em sua vida pessoal.

Este trabalho está estruturado nos seguintes tópicos: Definição de Provérbios; A Educação Financeira Atual no Brasil; Trabalho com Diligência; Estilo de Vida Financeira; Cuidado com as Dívidas; Poupança – Guardar uma Parte da Renda; Investir Sistemáticamente e Generosidade.

## 1 DEFINIÇÃO DE PROVÉRBIOS

Segundo o dicionário Michaelis<sup>3</sup>, provérbio significa:

1 Frase curta de caráter prático e popular, geralmente com ritmo e rima, rica em imagens e sentidos figurados, que contém uma síntese a respeito de uma regra social ou moral; aforismo, anexim, ditado, máxima, rifão.

2 No Velho Testamento, pequena frase com o intuito de aconselhar ou educar; pensamento.

O próprio Salomão, autor da maioria dos princípios encontrados no livro do Antigo Testamento da Bíblia que recebeu o título de “Provérbios”, faz a sua introdução assim:

Estes são os provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel. Eles ajudarão a experimentar a sabedoria e a disciplina; a compreender as palavras que dão entendimento; a viver com disciplina e sensatez, fazendo o que é justo, direito e correto; ajudarão a dar prudência aos inexperientes e conhecimento e bom senso aos jovens. (Pv 1.1-4).<sup>4</sup>

Em Eclesiastes, outro livro bíblico de sua autoria, Salomão escreve: “Além de ser sábio, o mestre também ensinou conhecimento ao povo. Ele escutou, examinou e colecionou muitos provérbios. Procurou também encontrar as palavras certas, e o que ele escreveu era reto e verdadeiro.” (Ec 12.9,10). Os livros de Provérbios e Eclesiastes fazem parte da literatura poética e de sabedoria da Bíblia (BLOMBERG, 2009, p. 57). “Poético” é um conceito bem conhecido. O mesmo, talvez, não possa ser dito da sabedoria. Dentre os significados que se encontram no dicionário, destacam-se:

Acúmulo de conhecimentos sobre assuntos diversos; conhecimento, natural ou adquirido, das verdades ou do que se julga verdadeiro; conjunto de conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, por meio de reflexão ou experiência; conjunto prático de valores e regras que orienta a vida quotidiana de uma pessoa; prudência e moderação ao falar ou agir; conhecimento inspirado nas coisas divinas e terrenas (MICHAELIS ONLINE).

Em alguns dos provérbios de Salomão, este conceito, ou conjunto de conceitos, é confirmado pelo próprio autor. Seguem alguns exemplos: “Todo homem prudente age com base no conhecimento, mas o tolo expõe a sua insensatez.” (Pv 13.16). “Os planos fracassam por falta de conselho, mas são bem sucedidos quando há muitos conselheiros.” (Pv 15.22). “Quem examina cada questão com cuidado, prospera, e feliz é aquele que confia no Senhor.” (Pv

<sup>3</sup> MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível online em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 3/6/2017.

<sup>4</sup> Todas as passagens bíblicas deste trabalho foram extraídas de: BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000.

16.20). “Ouça conselhos e aceite instruções, e acabará sendo sábio.” (Pv 19.20). “Os planos bem elaborados levam à fartura; mas o apressado sempre acaba na miséria.” (Pv 21.5).

Felipe Miranda (2017, p. 2) escreve:

Provérbio é uma frase sintética, lacônica, mas provida de todo significado e conteúdo, representativa de uma mensagem adquirida a partir da experiência – o conhecimento e a cultura emanando da prática. A evidência empírica acumulada à frente de teorias platônicas, servindo à orientação da vida cotidiana.

Salomão, filho de Davi, rei de Israel, teria sido um dos principais escritores do livro dos Provérbios. [...] Seu propósito é alcançar a sabedoria, a disciplina e a vida prudente, a partir do fornecimento da adequada instrução moral.

Diante do exposto, pode-se concluir que os provérbios transmitem experiência, conhecimento, conselhos e instruções para orientar as pessoas em questões de seu dia a dia. Aplicadas em seu conjunto, fazem uma pessoa agir com sabedoria e prudência, evitando o erro. Como resultado ou recompensa, pode-se esperar uma vida mais feliz e próspera.

## **2 A EDUCAÇÃO FINANCEIRA ATUAL NO BRASIL**

A educação financeira pessoal raramente faz parte dos currículos da educação regular. É possível ir do ensino básico até o final de uma graduação sem ter uma matéria sequer relacionada às finanças pessoais. Apesar de ser fundamental para a vida cotidiana, não recebe atenção dos formuladores do currículo escolar. Alonso (2016, p.18) afirma: “A falta de educação financeira nas escolas talvez não seja problema daqui a alguns anos. Isso está mudando com novas iniciativas de instituições, de empresas e do governo. Há projetos em fase de teste em diversas cidades, mas o processo é lento.”

Felizes são as pessoas que obtém educação financeira de seus pais, mas também estas são raras. A maioria dos pais não fala de suas finanças aos filhos. Para muitos, o assunto parece ser tabu. Percebida a lacuna, e vendo as dificuldades com que a população se debate, eis que surgem os educadores financeiros. Com currículos diversos em sua formação – uma vez que não existe faculdade para formação de educadores financeiros – estes profissionais traçam para si a missão de transmitir conhecimento e experiência para ajudar seus “ouvintes” a lidarem melhor com as suas finanças. As ferramentas que estes profissionais utilizam para transmitir os conhecimentos sobre gestão financeira são diversos: livros, blogs na internet, programas de rádio, palestras, colunas em jornais, coaching pessoal, etc. Alguns nomes de educadores financeiros acabam se sobressaindo, tornando-se bem conhecidos. No Brasil, podem-se

mencionar Gustavo Cerbasi, Mauro Halfeld, Jurandir Sell Macedo Jr., já nos EUA há nomes como Robert T. Kiyosaki e David Bach, entre outros.

Considerando que não há um currículo ou conteúdo padrão, qual será a fonte do conhecimento a ser transmitido? No que se baseia a possível “melhor forma” para lidar com o dinheiro? É na ciência? É na experiência e sabedoria de vida? Será esse conhecimento universal e, talvez, até imutável ao longo do tempo? Salomão viveu há aproximadamente 3.000 anos . Nos próximos tópicos apresentam-se comparações de princípios extraídos do livro de Provérbios, relativos a finanças pessoais, com os ensinamentos de educadores financeiros da atualidade.

### 3 O PRINCÍPIO DO TRABALHO COM DILIGÊNCIA

Para a maioria das pessoas, o início de uma vida financeira próspera é o trabalho. Ao ser remunerado pelo trabalho, uma pessoa obtém os recursos para a sua subsistência e, à medida que não consome tudo imediatamente, também para investimentos. Em Provérbios encontram-se alguns versículos que enfatizam este princípio:

As mãos preguiçosas empobrecem o homem, porém as mãos diligentes lhe trazem riqueza. Aquele que faz a colheita no verão é filho sensato, mas aquele que dorme durante a ceifa é filho que causa vergonha. (Pv 10.4,5).

O preguiçoso não ara a terra na estação própria; mas na época da colheita procura, e não acha nada. (Pv 20.4).

Esforce-se para saber bem como suas ovelhas estão, dê cuidadosa atenção aos seus rebanhos, pois as riquezas não duram para sempre, e nada garante que a coroa passe de uma geração a outra. (Pv 27.23,24).

Chama a atenção que o autor Salomão coloca algumas ênfases: o trabalho não deve ser realizado de qualquer forma, mas recebe qualificações: “mãos diligentes”, “esforce-se”, “cuidadosa atenção”. Clarke (1832, tradução nossa) comenta com relação ao versículo em Provérbios 10.4: “Deus ordenou, no decorrer de sua providência, que aquele que não quer trabalhar não deve comer. E Ele sempre abençoa o trabalho do homem diligente.” Com relação a Provérbios 10.5 ele escreve: “Todo o trabalho do campo deveria ser realizado na estação própria para tal. Se o verão e a colheita são negligenciados, em vão um homem pode esperar os frutos no outono.”

Com relação a Provérbios 20.4 ele comenta que “o homem preguiçoso, sob o pretexto de clima desfavorável, negligencia cultivar a sua terra até o tempo apropriado ter passado.” Sobre Provérbios 27.23 ele fala: “Não confie simplesmente os seus rebanhos ao pastor: conte-

os você mesmo, olhe para a sua condição, veja como são cuidados e quando, com o que e em que proporção eles são alimentados.” E, finalmente, para Provérbios 27.24 ele interpreta: “Todos os outros tipos de propriedade são muito transitórios. O dinheiro e as maiores honras civis são apenas por uma curta temporada. Rebanhos, devidamente cuidados, podem ser multiplicados e continuados por gerações.”

Já Kretzmann (1921-1923, tradução nossa) afirma com relação a Provérbios 10.4: “[...] debaixo da benção de Deus, prosperidade e mesmo riqueza serão dados àquele que trabalha com diligência e energia.” Com relação a Pv 10.5, ele comenta que dormir durante a ceifa significa perder a melhor oportunidade para estocar os frutos da terra. Para Provérbios 20.4 ele tece o seguinte comentário: “o mau tempo fornece ao preguiçoso uma desculpa bem-vinda para não arar a terra; quando depois, na época da colheita for procurar por grãos, seu campo não produziu nada, sendo esta a recompensa de sua preguiça.”

Constable (2012, tradução nossa) entende para Provérbios 27.23: “Como administrador da família, um homem precisa saber o que possui e em que condição seus pertences estão, para liderar sabiamente. Além disso, ele precisa se preocupar com o que possui para preservar seu meio de vida.”

Agora é necessário fazer a contextualização. Na época de Salomão, as duas atividades laborais principais eram a agricultura e a pecuária. É algo que fica muito evidente nos provérbios citados. Cultivar e colher grãos e cuidar dos rebanhos eram as profissões comuns e, portanto, faziam parte do dia a dia dos leitores ou ouvintes desses pensamentos. Isto tornava estes provérbios compreensíveis à população no tempo do autor.

Na atualidade apenas uma minoria ainda se dedica a profissões relacionadas à agropecuária. A grande massa populacional mora em cidades e se dedica a outras profissões na indústria, no comércio e na prestação de serviços. No entanto, qualquer empregador vai confirmar que o trabalho realizado com diligência, com esforço e com cuidadosa atenção, é fundamental para que alguém possa prosperar em sua carreira ou em seu empreendimento, e assim, esta pessoa obterá renda cada vez maior.

Cerbasi (2009, p.59) relata o seu próprio esforço para prosperar quando ainda era jovem professor universitário: “Meu objetivo era ocupar minha agenda de aulas, ser reconhecido como esforçado pelos meus superiores e, obviamente, ganhar mais. Com o tempo passei a ser reconhecido como professor diferenciado [...]”. Ele cita uma frase que originalmente ouviu de Anthony Robbins: “Dizem que sou um cara de sorte. Só sei que, quanto mais me esforço, mais sorte tenho!”

Em outro momento, Cerbasi (2009, p. 84) relata: “Empenho e dedicação geram reconhecimento, e a carreira começou a deslançar. [...] A agenda passou a ser totalmente preenchida por trabalho remunerado, e a renda cresceu muito [...]”. Mais à frente o autor fala de pessoas que se encontram em empregos insatisfatórios. E então afirma: “Pessoas competentes, dedicadas, apaixonadas pelo que fazem, conseguem mais cedo ou mais tarde uma nova colocação no mercado profissional.” (*ibid.*, p. 145).

Em seu livro “Pai Rico, Pai Pobre”, Robert Kiyosaki fala de seus “dois pais” (um deles, na verdade, era pai de seu amigo): “Ambos foram homens bem-sucedidos em suas carreiras e trabalharam arduamente durante toda a vida. Ambos auferiam rendas consideráveis.” (2000, p. 21). Já, Andrade (2004, p. 41), por outro lado, lança um alerta e sugere enxergar o trabalho como uma missão, algo além do ganhar dinheiro: “Use o trabalho para cumprir a sua missão. É para isso que existe o trabalho. O homem não vive para ganhar dinheiro, mas para cumprir a sua missão.”

É possível perceber harmonia entre os provérbios e as sugestões de educadores financeiros atuais. Desconsiderando as exceções (herança significativa, loterias, etc.) é normal que as pessoas obtenham sua renda como fruto do trabalho e empreendedorismo. Ao trabalhar com qualificação, dedicação e esforço, é razoável esperar progresso e prosperidade. É evidente que isto se aplica em países com ambiente de liberdade, em que o esforço, a iniciativa e o empreendedorismo são recompensados.

Assim, pode-se concluir que, tanto os provérbios antigos como as orientações na atualidade convergem ao estimular o esforço, o trabalho duro e a dedicação empreendedora como receita para obtenção de renda e prosperidade.

#### **4 ESTILO DE VIDA FINANCEIRA**

Em alguns de seus provérbios, Salomão parece ser mais observador do que orientador ou educador. É possível ver neles algo voltado ao estilo de vida. Como estilo de vida é um conceito muito amplo e pode ser aplicado a outras áreas da vida (social e saúde, p. ex.), o foco aqui será em estilo de vida financeira. Eis um provérbio que tem um quê de intrigante: “Alguns fingem que são ricos e nada têm; outros fingem que são pobres, e têm grande riqueza.” (Pv 13.7).

Na comparação de diversos Comentários Bíblicos sobre este texto, é possível observar uma variedade de interpretações. Isto permite sugerir que o significado não seja tão claro. J. Howe (citado por Excell, 1905-1909, tradução nossa) afirma considerar um homem rico aquele

que vive do que tem, não deve nada e está contente; não há como definir determinada soma de dinheiro ou quantidade de propriedades para caracterizar um homem rico. Kretzmann (1921-1923, tradução nossa) entende a primeira parte do versículo como sendo de pessoas que fingem riqueza na tentativa de impressionar outros. Já Poole (1685, tradução nossa) se refere àqueles que têm pouco ou nada, mas fingem ter grandes riquezas, como motivados por orgulho, vaidade, para melhorar sua reputação ou também para defraudar. Outros, ricos, parecem e professam ser pobres para assim preservar e aumentar seu patrimônio, escondendo-o daqueles que desejariam compartilhá-lo ou mesmo tirá-lo com engano e violência.

Outro provérbio, em enunciado de constatação, diz: “Na casa do sábio há comida e azeite armazenados, mas o tolo devora tudo o que pode.” (Pv 21.20). Henry (1706, tradução nossa) considera que a abundância obtida pela prudência, trabalho e frugalidade é desejável. Já o insensato perde o que têm em suas luxúrias. Sobre o mesmo provérbio, Wesley (1765, tradução nossa) afirma que os sábios mantêm um depósito de tesouros para uso próprio e de suas famílias; o óleo é particularmente mencionado, porque era parte considerável da riqueza naqueles países. E Kretzmann (1921-1923, tradução nossa) também menciona que na habitação do sábio há tesouros e óleo, porque ele cuidadosamente acumulará a sua riqueza, enquanto que o tolo perde e a desperdiça.

Há mais um provérbio que pode ser considerado deste grupo. Este, no entanto, se encontra no livro de Eclesiastes, que também tem como autor Salomão: “Quando aumentam os bens, também aumentam os que os consomem. E que benefício trazem os bens a quem os possui, senão dar um pouco de alegria aos seus olhos?” (Ec 5.11). Guzik (2017, tradução nossa), comenta que Salomão sabia que, com o aumento do patrimônio, também aumentam os gastos e a expectativa dos outros: empregados, amigos, aduladores e outros que irão ao homem rico, não para defender, mas para devorá-lo. Clarke (1832, tradução nossa) também indica que o aumento de riqueza traz aumento de gastos e aumento de criados, e que no fim não haverá benefício real para o proprietário.

Em resumo, estes provérbios mostram que o estilo de vida exterior nem sempre corresponde à realidade da pessoa (que pode fingir riqueza ou pobreza), que é sábio fazer uma reserva e não gastar tudo imediatamente, e que o aumento de riqueza e de padrão de vida também traz consigo aumento de gastos.

Bach (2004, p. 194,195, tradução nossa) menciona uma expressão usada no Texas (EUA): “chapéu grande, sem gado”. O chapéu grande poderia indicar um fazendeiro rico, mas não há fazenda e não há gado, apenas um chapéu grande e provavelmente um carro luxuoso. Em seguida o autor menciona como encontra, diariamente, pessoas que aparentam ser ricas.



Pessoas que usam roupas e carros bonitos, e às vezes até moram em casas lindas. Quando se olha para as finanças destas pessoas, observa-se que está tudo financiado por crédito.

Macedo Jr. (2007, p. 38) afirma: “As pessoas verdadeiramente ricas não tentam demonstrar riqueza.” A definição de riqueza é subjetiva. Macedo Junior (2007, p. 11) a coloca desta forma: “Quando seu patrimônio puder sustentar o estilo de vida que almeja, você será rico.” Esta definição inclui duas variáveis: estilo de vida e tamanho do patrimônio. A conexão lógica indica que quanto mais luxuoso o estilo de vida, maior será a necessidade de patrimônio para sustentá-lo. Por outro lado, a escolha de um estilo de vida mais frugal demanda pouco patrimônio e mesmo assim permite a definição de “rico”. Conclusão: ao adotar um padrão de vida mais modesto torna-se mais fácil ficar rico.

Andrade (2004, p. 16) escreve: “Rico é aquele que tem dinheiro suficiente, tem saúde suficiente e tem paz suficiente. Rico é aquele que tem tudo isso em quantidade suficiente para ser feliz.” O que chama atenção aqui é a palavra “suficiente”. Segundo o dicionário Michaelis, suficiente é aquilo que basta ou que satisfaz. Assim, encontra-se aqui também indicação de que não haveria necessidade de muitos bens para alguém ser considerado rico.

Em outro momento, Andrade (2004, p. 64) desafia a buscar o equilíbrio, considerando dois momentos: o usufruir hoje, sem deixar de pensar no amanhã. Para tanto é necessário destinar parte do que é recebido para investimentos que se transformarão em renda futura. Esta opinião está em linha com o provérbio que considera sábio fazer uma reserva e não gastar tudo imediatamente.

Cerbasi (2004, p. 31) fala da questão do aumento dos gastos com o aumento da renda: “Quando aumenta o salário, logo se encontra uma forma de utilizar a renda extra, seja adquirindo bens em prestações, seja trocando de automóvel ou comprando um terreno, um sítio ou uma casa de praia [...]” Esta constatação está em linha com o provérbio que diz que quando aumenta a riqueza também aumentam os gastos. Anderson (2008, p. 136, tradução nossa) cita George S. Clason, que afirma: “Gastos sempre crescerão para ficarem iguais à renda a não ser que você assuma o controle.”

Também, com relação ao estilo de vida, é possível perceber uma coerência entre os provérbios e as constatações e orientações de educadores modernos de finanças. A riqueza nem sempre será algo visível no exterior de uma pessoa. Ela pode fingir um estilo de vida fora de sua realidade, dependendo de suas motivações. O próprio conceito de riqueza é subjetivo, e deveria ser visto como o patamar suficiente para atender as necessidades pessoais. Também é aconselhável buscar o equilíbrio entre o que é consumido imediatamente e o que deve ser guardado como reserva. Por fim, vale o alerta: com o aumento de renda, também tendem a

aumentar os gastos. É algo natural e só pode ser evitado se a pessoa efetivamente assumir o controle financeiro de sua vida.

## 5 O CUIDADO COM AS DÍVIDAS

O trato de endividamento é um dos mais importantes nas finanças pessoais. O Brasil é um país onde as pessoas são incentivadas a usar o crédito. Segundo o Portal Brasil<sup>5</sup>, no início de 2017, 55,6% das famílias brasileiras estavam com algum tipo de dívida. Destes, 22,7% estavam inadimplentes, ou seja, não estavam conseguindo pagar as dívidas no prazo previsto.

O que Salomão, em seus provérbios, tem a dizer sobre dívidas? Em seu livro, encontra-se um provérbio que fala diretamente sobre tomar crédito. E vários que falam sobre a questão de se tornar fiador. “O rico domina sobre o pobre; quem toma emprestado é escravo de quem empresta.” (Pv 22.7). Henry (1706, tradução nossa) comenta como este provérbio mostra a importância de permanecer fora das dívidas.

Kretzmann (1921-1923, tradução nossa) sugere que a riqueza dá ao rico grande poder, especialmente se o pobre depende dele para empréstimos, e a dívida fará este se sentir, ou mesmo experimentar, falta de liberdade. Whedon (1874-1909) comenta que aquele que entra em dívidas, perde, em certo sentido, sua liberdade, pela obrigação que assumiu diante de seu credor. Dayton (2003, p. 38) diz sobre o mesmo provérbio:

Quando estamos endividados, ficamos na posição de servidão, em relação a quem emprestou. De fato, quanto mais devemos, mais servos nos tornamos. Não possuímos total liberdade ou escolha para decidirmos por nós mesmos em que gastaremos nossa renda, porque nos obrigamos legalmente a pagar essas dívidas.

É interessante observar que há apenas um provérbio falando sobre dívidas, mas vários falam sobre ser fiador. O dicionário Michaelis define como fiador: “aquele que presta fiança, que se responsabiliza pelo cumprimento de pagamento ou de obrigação de outra pessoa”. Pode-se entender que se trata de uma dívida indireta.

Salomão afirma em seu provérbio: “O homem sem juízo, com um aperto de mãos se compromete e se torna fiador do seu próximo.” (Pv 17.18). Outros exemplos de provérbios sobre este assunto são:

Meu filho, se você serviu de fiador do seu próximo, se, com um aperto de mãos, empenhou-se por um estranho e caiu na armadilha das palavras que você mesmo disse,

<sup>5</sup> PORTAL BRASIL. 2017. Endividamento das famílias cai ao menor nível em quase sete anos. **In Economia e emprego**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/02/endividamento-das-familias-cai-ao-menor-nivel-em-quase-sete-anos-1>>. Acesso em: 08.06.2017.

está prisioneiro do que falou. Então, meu filho, uma vez que você caiu nas mãos do seu próximo, vá e humilhe-se; insista, incomode o seu próximo! Não se entregue ao sono, não procure descansar. Livre-se como a gazela se livra do caçador, como a ave do laço que a pode prender. (Pv 6.1-5).

Quem serve de fiador certamente sofrerá, mas quem se nega a fazê-lo está seguro. (Pv 11.15).

Não seja como aqueles que, com um aperto de mãos, empenham-se com outros e se tornam fiadores de dívidas; se você não tem como pagá-las, por que correr o risco de perder até a cama em que dorme? (Pv 22.26,27).

Gill (1999, tradução nossa) comenta sobre Provérbios 17.18: através da fiança a favor do amigo, o fiador se torna garantia diante do credor. Este é um passo imprudente porque pode trazer a ruína própria e de sua família. Não há obrigação, em nome da amizade, de correr o risco de ferir a si mesmo e a sua família. A própria exigência de fiança já pode indicar que o amigo é alguém sem palavra, ou que é incapaz de arcar com o pagamento, ou até mesmo alguém mau e desonesto. Em qualquer caso não é aconselhável tornar-se garantia por alguém assim.

Henry (1706, tradução nossa) também comenta de forma semelhante. Embora Salomão, em outro momento, tenha sugerido amizade na adversidade, a exigência de fiança indica que o amigo é alguém sem palavra ou insolvente ou desonesto e não se deve, em nome de pretensa generosidade, causar mal à própria família.

Portanto, além de tomar dívida para si, uma pessoa pode contrair dívidas indiretas através da fiança. No mundo atual ainda são praticadas outras formas de dívidas indiretas: “emprestar” o nome para alguém sem crédito tomar um empréstimo, emprestar folhas de cheque pré-datadas, fazer a compra para alguém no próprio cartão de crédito. Todas estas formas baseiam a sua concretização na promessa do devedor final de que haverá quitação no vencimento, o que muitas vezes não ocorre. Quando alguém contrai uma dívida para si, tende a se preparar para pagá-la no vencimento. Já quando se trata de uma dívida indireta (fiança e empréstimo de nome, cheque, cartão de crédito) o “emprestador” será surpreendido por uma dívida com a qual não contava.

Percebe-se que os educadores modernos também têm as suas reservas com a contração de dívidas. Halfeld (2004, p. 9) escreve: “Quem está pensando em se endividar deve esperar; [...] O ideal seria adiar a realização de seu sonho de consumo e, no futuro, adquirir o saudável hábito de só comprar à vista.”

Andrade (2005, p. 71) recomenda: “Fuja o máximo de dívidas. Se você pode pagar juros, muito mais você pode ter, recebendo rendimento através de poupança e do retardamento do consumo.” Em outro momento, este mesmo autor (2005, p. 70,71), no entanto, faz uma diferença entre tipos de dívidas:

Pode-se dizer que dívida proativa é aquela que se faz como investimento, para gerar negócios ou ativos, que são geradores de receita. [...] Como investimento, a dívida proativa pode ser positiva, mas é necessário muito cuidado, uma vez que os negócios, na maioria das vezes, não ocorrem como o esperado, e podem se transformar em grandes perdas.

Bach (2004, p. 193, tradução nossa) fala que as dívidas são uma armadilha que força as pessoas a trabalhar por mais tempo do que deveriam, sendo que elas se colocam em débito por maus hábitos, como, por exemplo, acumular dívidas no cartão de crédito.

Macedo Jr. (2007, p. 39) lança o seguinte alerta:

Lembre-se sempre que o crédito é limitado e, após esgotar esse limite, você terá que devolver o valor emprestado e ainda pagar todos os juros decorrentes dele. [...] A falta de planejamento de finanças adequado é a principal razão do pagamento de juros, que são decorrentes, na maioria dos casos, do descontrole de cartões de crédito e de cheques pré-datados.

Dayton (2002, p. 39) também se posiciona contra as dívidas com uma justificativa interessante: “Quando entramos em uma dívida, presumimos que ganharemos o suficiente ou teremos recursos suficientes para pagá-la.” O autor afirma que a Bíblia nos previne de fazer tal pressuposição. Há muitas pessoas que concordam em não fazer dívidas para consumo, mas defendem dívidas para investimento. Mesmo essa opção conta com ressalvas de Dayton (2002, p. 53), que a aprova desde que seja possível contrair a dívida sem prestação de garantia pessoal. O autor justifica, dizendo que: “É doloroso perder seu investimento, mas é muito mais sério prejudicar o suprimento de suas necessidades ao arriscar todos os seus bens numa dívida para investimento.”

Com relação à fiança (que conta com tantos alertas contrários de Salomão), os educadores modernos também oferecem veementes alertas. Dayton (2002, p. 55) diz:

Infelizmente, poucos fiadores pensam na possibilidade da falta de pagamento. A taxa de perdas é tão alta porque o proprietário da instituição financeira já determinou que o empréstimo é um risco que não vale a pena, mas faz o empréstimo mesmo assim, porque há alguém, financeiramente responsável, que garante o pagamento.

Cerbasi (2004, p. 114,115) tem opinião semelhante:

Um costume que geralmente traz muitos problemas de relacionamento entre o casal e seus familiares é recorrer a fiadores para garantir operações de empréstimo ou financiamento. [...] Quando o banco ou a financeira nos solicitam um fiador, [...] identificou risco de inadimplência. O fiador é a pessoa que irá neutralizar esse risco, oferecendo, mesmo sem saber, seus bens como garantia da operação. [...] Se o fiador não tiver recursos para pagar a dívida de seu amigo-da-onça, poderá ser até mesmo compelido a entregar ao banco a sua casa para quitar o compromisso assumido e não cumprido pelo outro. [...] Por isso, o uso de fiadores deve ser evitado.

Novamente, percebe-se a semelhança entre a sabedoria enunciada pelos provérbios e a posição dos educadores modernos, tanto quando o assunto é dívida, quanto com relação à fiança. Comprometer-se com uma dívida pressupõe que no futuro serão ganhos os recursos para pagamentos impossíveis hoje. No entanto, o futuro é incerto. Muita coisa pode evoluir de forma diferente da planejada. O futuro está apenas parcialmente sob o controle do devedor ou do fiador. As consequências, quando da incapacidade de pagar a dívida, são desastrosas e traumáticas. Pode-se chamar de sábio, portanto, aquele que evita dívidas e prestação de fiança.

## **6 POUPANÇA – GUARDAR UMA PARTE DA RENDA**

Um provérbio bastante conhecido de Salomão é baseado em uma observação da biologia: “Observe a formiga, preguiçoso, reflita nos caminhos dela e seja sábio! Ela não tem nem chefe, nem supervisor, nem governante, e ainda assim armazena as suas provisões no verão e na época da colheita ajunta o seu alimento. (Pv 6.6-8). Clarke (1832, tradução nossa) comenta que a atenção deve ser colocada na colheita durante o período da abundância. Depois, o que foi guardado estará disponível para consumo quando necessário, não necessariamente no inverno, quando elas dormem. Isto faz da formiga uma criatura notável pelo seu trabalho, economia e previsão. Whedon (1874-1909, tradução nossa) indica que a formiga tem sido, em todos os tempos, uma ilustração favorita para inculcar nas pessoas os deveres do trabalho, diligência e previdência.

Trapp (1865-1868, tradução nossa) comenta que é bom para o homem manter algo, ter alguma coisa em estoque, e não apenas viver para o dia, como as aves do céu o fazem. Este é um cuidado de diligência, de desconfiança, da cabeça e do coração. Outro provérbio, em linha de raciocínio semelhante é: "Quatro seres da terra são pequenos, e, no entanto, muito sábios: As formigas, criaturas de pouca força, contudo, armazenam sua comida no verão. (Pv 30.24,25). Trapp (1865-1868, tradução nossa) afirma sobre as formigas: “um povo fraco, mas notável por sua previsão.” Gill (1999, tradução nossa) comenta como as formigas, com arte e sabedoria, constroem celeiros e carregam os grãos na temporada certa para tê-los disponíveis no inverno.

Fica claro que estes provérbios transmitem alguns conceitos. Há um tempo propício para a colheita, que deve ser aproveitado: é o verão, quando há fartura, a temporada da abundância. Também chega uma estação em que haverá escassez: é o inverno, quando não será possível encontrar alimentos. Por fim, o exemplo da formiga ensina que é necessário trabalho árduo na colheita para ter um estoque na época da escassez.

Na época em que os provérbios foram escritos, a maioria das pessoas viviam daquilo que a terra produzia. As estações do ano deixavam bem claro quando era época de abundância e quando era o tempo de escassez. No mundo moderno, a maioria das pessoas vive de salário pago por empresas industriais, comerciais e de prestação de serviços. A estação do ano não faz diferença. Será possível, mesmo assim, identificar períodos de colheita e de consumo? Será viável pensar em verão e inverno, período de abundância e escassez? Uma analogia possível é a divisão da vida da pessoa com vista à sua geração de renda. O período de colheita, o verão, seria a época em que a pessoa gera renda, está bem em sua carreira e é bem remunerada pelo seu trabalho. A época de inverno e de escassez seriam períodos de desemprego, de doença e de idade avançada, em que não será possível gerar renda com o trabalho.

Os educadores modernos têm sugestões claras sobre a administração das finanças em função dos períodos de abundância e de escassez. Dayton (2003, p.110) fala da economia de curto prazo, que deve ser usada para algum gasto futuro planejado, mas também deve existir para emergências como doenças, perda de emprego ou outro tipo de interrupção da renda. E a economia de longo prazo seria destinada para aposentadoria e herança.

Bach (2004, p. 136, tradução nossa) fala da preparação para o dia de chuva. Mesmo com bom planejamento, sempre há acontecimentos fora do controle pessoal que podem trazer problemas: perda de emprego, doença, morte do cônjuge, a economia pode entrar em crise, negócios podem falir. Depois ele continua: algumas pessoas se preocupam com essas possibilidades, outras se preparam para elas.

Andrade (2004, p. 64) sugere buscar o equilíbrio na relação presente/futuro: usufruir hoje e pensar no amanhã. É necessário destinar uma parte do que é recebido para poupança, previdência ou imóveis que podem gerar renda futura quando a pessoa está em idade mais avançada. Cerbasi (2004, p. 69) indica: “Gastem menos do que vocês ganham e invistam a diferença. Depois reinvestam seus retornos até atingir uma massa crítica de capital que gere a renda que desejam para o resto da vida.” Ewald (2005, p 95) escreve: “Para quem economiza e poupa será possível, em data mais à frente, satisfazer algum desejo que foi deixado para depois. Pode ser [...] pura e simplesmente uma poupança para complementar a aposentadoria [...]”

Os educadores modernos estão claramente alinhados com os provérbios. É necessário, sim, aproveitar a época em que a pessoa tem renda (o verão, com a sua abundância) e guardar parte para épocas com pouca ou nenhuma renda. A chegada de épocas sem renda (o inverno)

será menos traumático para aqueles que se preparam. A preparação consiste em constituir reservas: uma poupança, planos de previdência, fundos para emergência.

## 7 INVESTIR SISTEMATICAMENTE

O assunto “investimentos” é um dos que atrai muita atenção dentro das finanças pessoais. A maioria das pessoas sonha com a possibilidade de investir. Parece ser mágico e distante, uma arte difícil, reservada a poucos privilegiados. Será isso mesmo?

Salomão afirma: “O dinheiro ganho com desonestidade diminuirá, mas quem o ajunta aos poucos terá cada vez mais. (Pv 13.11). Clarke (1832, tradução nossa) comenta que o dinheiro que não é resultado de trabalho duro e honesto, raramente é permanente. Todas as fortunas adquiridas por especulação e golpes de sorte rapidamente são dissipadas.

Coffman (1983-1999, tradução nossa) comenta que riqueza adquirida por meio de fraude sempre diminuirá, mas aquele que a faz crescer pelo trabalho, sempre ganhará mais. O contraste aqui é de alguém que, através de fraude e engano rapidamente chega à riqueza com outro que, com trabalho e empreender honesto encontra a verdadeira prosperidade. Henry (1706, tradução nossa) entende que, a riqueza obtida por desonestidade ou vício tem uma maldição secreta que a levará rapidamente ao desperdício. Constable (2012, tradução nossa) comenta que a riqueza obtida por fraude não seria fruto do trabalho e, portanto, diminuiria dentro da ideia de que “o que vem fácil também vai fácil”.

Há outro provérbio de Salomão que pode ser aplicado a investimentos, encontrado no livro de Eclesiastes. “Reparta o que você tem com sete, até mesmo com oito, pois você não sabe que desgraça poderá cair sobre a terra.” (Ec 11.2). Clarke (1832, tradução nossa) comenta que este provérbio sugere: nunca deixar de doar enquanto puder prover alívio para uma pessoa em necessidade. A situação pode mudar e você pode precisar de ajuda semelhante.

Wesley (1765, tradução nossa) sugere que o provérbio se refere a um costume antigo, quando o mestre da festa distribuía partes de propriedade ou provisões para cada convidado, pois poderiam surgir calamidades que o levariam à pobreza quando seria incapaz de fazer o bem. Poole (1685, tradução nossa) vê o provérbio indicando que o quadro pode se inverter: quem está bem hoje pode se tornar pobre, quando então poderá também esperar benevolência de outras pessoas ou no mínimo da poderosa providência de Deus. Por outro lado, quem não demonstra misericórdia aos outros, não poderá esperar misericórdia de Deus ou de outras pessoas.

Constable (2012, tradução nossa), por outro lado, entende que este provérbio advoga a diversificação de investimentos em vez de colocar todos os recursos em apenas um lugar. Esta ideia também é defendida por Dunagan (1999-2014, tradução nossa) que comenta que a ideia pode ser a de doar a muitas pessoas que estão necessitadas ou pode ser também a de diversificação, não colocando toda a fortuna em um navio apenas, ou, como se diz atualmente, colocar todos os ovos em apenas uma cesta. Essa diversificação é necessária porque oferece proteção contra calamidades imprevistas em um ou dois empreendimentos. Seria sábio preparar-se para infortúnios inesperados na vida, que estão além do próprio controle, planejando para o futuro.

Há mais um provérbio relacionado diretamente a acumulação de patrimônio: “O homem bom deixa herança para os filhos de seus filhos [...]”. (Pv 13.22a). Gill (1999, tradução nossa) entende que este provérbio sugere que um homem bom tem o suficiente não apenas para a sua manutenção no presente, mas é tão próspero e bem sucedido a ponto de deixar uma herança, que será apreciada não apenas pelos filhos, mas pelos herdeiros destes também. Kretzmann (1921-1923, tradução nossa) comenta que este provérbio indica que as propriedades de um homem bom são transmitidas todas aos seus descendentes, em função da benção de Deus sobre ele.

Assim, percebem-se nestes provérbios alguns conceitos relacionados a investimentos: o investir de parte dos frutos do trabalho honesto e empreendedor fará a riqueza crescer gradativamente; que é sábio diversificar em função de riscos imprevisíveis e por fim; que é saudável deixar herança para a família.

O que os educadores modernos falam sobre isso? Andrade (2004, p. 82,83) sugere olhar para pessoas que, mesmo com pouca renda, conseguem juntar algum dinheiro porque poupam mês após mês. Depois diz: “Poupar é, antes de tudo, uma decisão, uma filosofia de vida que independe da renda.” Depois indica que a pessoa deveria estabelecer uma meta percentual de investimentos, mês a mês, como um compromisso pessoal com o seu futuro. Bach (2004, p. 37-49, tradução nossa) fala dos pequenos gastos do dia a dia que corroem parte da renda das pessoas sem agregar muitos benefícios. Ao fazer alguns ajustes nestes gastos, poderia ser poupada uma pequena (ou nem tão pequena) quantia mensal, que investida ao longo de algumas décadas se transformaria em um patrimônio significativo. Este mesmo autor sugere separar sempre 10% da renda bruta para a construção de patrimônio (*ibid.*, p. 203).

Muitas pessoas afirmam categoricamente que, com o que ganham, é impossível poupar e investir uma parte. Macedo Jr. (2007, p. 20) induz à reflexão sobre um estilo de vida mais simples, mencionando o movimento criado pela americana Elaine St. James, chamado Simple



Life (que significa Vida Simples). Ao reconhecer que não se pode querer tudo, incentiva as pessoas a fazerem um consumo consciente, mantendo os desejos sob controle e usando de bom senso antes de convertê-los em necessidade. É um nadar contra a forte maré atual de consumismo. O autor (*ibid.*, p. 25) afirma: “O segredo é poupar nos gastos que não contribuem para sua qualidade de vida e fazer um bom planejamento financeiro”.

Macedo Jr. (2007, p. 56) também usa a expressão “pague-se primeiro” e sugere guardar 8 a 15% da renda, assim que for recebida, para não ficar tentado a ir às compras com o que sobrou no final do mês. E ele conclui: “Você verá como esse pequeno ato poderá transformar sua vida, aproximar a aposentadoria, comprar um futuro tranquilo e, principalmente, regar sua árvore do dinheiro.” Halfeld (2004, p.24) fala do poder do investimento sistemático por um longo período de tempo. Usando como premissa uma rentabilidade de 8% ao ano acima da inflação, alguém que poupasse R\$ 7,00 ao dia, durante 45 anos, chegaria a um patrimônio de R\$ 1.000.000,00.

A diversificação dos investimentos, para a redução de riscos, também estão presentes no ensino dos educadores modernos. Cerbasi (2004, p. 128) orienta: “Nunca ponham todos os ovos em uma única cesta. Em outras palavras, diversifiquem seus investimentos assim que puderem.” Depois exemplifica: “Resolveram investir uma parte de seu dinheiro em ações? Nunca comprem apenas de uma empresa. [...] comprem ações de empresas diferentes que tendam a se equilibrar – quando a ação de uma cai, a outra sobe.” Mais à frente (p. 137) o autor repete a afirmação, de forma categórica: “Diversifiquem para diminuir o risco de sua carteira de investimentos.”

Ewald (2005, p. 97) afirma:

[...] a diversificação dos investimentos é fundamental para a diluição dos riscos, ainda mais que é sabido que “quanto maior o lucro, maior o risco”. Deve-se, então, planejar uma cesta de investimentos que defina uma estratégia global para a poupança de toda uma vida, com um sortimento de produtos econômico-financeiros tal que o risco seja definido como o mais adequado.

Com relação a uma herança a ser deixada para os descendentes, parece ter havido uma mudança de perspectiva na sociedade moderna. Na época de Salomão, terras e gado eram os recursos primordiais para que alguém pudesse prover para si e seus familiares. Portanto, quando alguém deixava uma herança, estava transmitindo os recursos para que o beneficiário também pudesse prover para a sua própria família. Atualmente, a provisão vem do trabalho remunerado, e a melhor preparação é uma boa educação e formação. Cerbasi (2004, p. 85) escreve: “Acredito que a maior preocupação dos pais em relação aos filhos é conseguir proporcionar-lhes um futuro

seguro e tranquilo. O melhor caminho para atingir esse objetivo é garantir-lhes uma boa formação de caráter, intelectual e física.” Ele afirma: “Um dos maiores presentes que uma família pode dar a seus filhos é a garantia financeira de poder estudar ou abrir o próprio negócio. Que tal formar uma poupança para garantir a faculdade de seu filho?”

Já Dayton (2003, p.121), um autor que ensina sobre finanças da perspectiva bíblica, escreve:

Você deve prover uma herança para seus filhos. No entanto, talvez não seja sábio deixar seus filhos com muita riqueza, se eles não tiverem aprendido bem a perspectiva bíblica sobre o dinheiro e como lidar com ele de forma apropriada. [...] O pai deve encarar a questão de forma direta: a fortuna estará segura com meu filho, e o meu filho estará seguro com minha fortuna?

Este capítulo versou sobre a constância do investir, que proporciona ótimos resultados a longo prazo, sobre a diversificação para diluição de riscos e sobre um dos objetivos do investimento, que é o de deixar uma herança para as gerações seguintes. É impressionante e perceptível a harmonia dos conceitos entre os provérbios e os educadores atuais. Não houve mudanças significativas, apesar do decurso dos aproximadamente 3000 anos entre Salomão e a atualidade.

Investir é, antes de tudo, um hábito. Não depende de renda. Excetuando as situações de extrema pobreza e considerando o nível de renda a partir da classe média baixa, todos são capazes de poupar uma parte de seus ganhos para projetos futuros. Em cada realidade pessoal é possível encontrar gastos com supérfluos e até desperdícios. Faz sentido cortar alguns deles para ter uma reserva para o futuro.

A diversificação dos investimentos para a diluição dos riscos é sabedoria antiga. Ao olhar para o mundo de hoje, é mais atual do que nunca. Os riscos estão presentes, porém muitas vezes não são visíveis. Infelizmente, devido à ausência de educação financeira, a maioria das pessoas não está preparada para investir com diversificação.

Por fim, o investimento com objetivo de deixar uma herança para as gerações seguintes também faz parte da cultura brasileira. No entanto, a herança mais significativa é proporcionar aos filhos uma boa educação e formação profissional. Numa sociedade que não vive mais no campo, herdar patrimônio financeiro é interessante, mas não tem mais o peso de antigamente.

## 8 GENEROSIDADE

O último tema das finanças pessoais, a ser extraído dos provérbios, é o da generosidade, no sentido de doação por espontânea vontade. É possível perceber até certa ênfase de Salomão com relação a este assunto. “Quanto lhe for possível, não deixe de fazer o bem a quem dele precisa.” (Pv 3.27). Gill (1999, tradução nossa) comenta aqui que os ricos não são tanto proprietários de coisas boas quanto são mordomos de Deus para distribuir aos pobres, e sempre que tem oportunidade devem fazer o bem. Outro provérbio sobre isso diz: “Há quem dê generosamente, e vê aumentar suas riquezas; outros retêm o que deveriam dar, e caem na pobreza. O generoso prosperará; quem dá alívio aos outros, alívio receberá. (Pv 11.24, 25).

Clarke (1832, tradução nossa) comenta que, aquele que dá aos aflitos, no verdadeiro espírito de caridade, receberá cem vezes da misericórdia de Deus. Deus dá os bens e o coração para usá-los corretamente e recompensa o generoso pela sua ação. Em outro exemplo de provérbio, está escrito: “Quem trata bem os pobres empresta ao Senhor, e ele o recompensará.” (Pv 19.17). Clarke (1832, tradução nossa) sugere aqui que Deus se faz devedor por aquilo que é dado aos pobres. Significa um crédito perante Deus, que Ele pagará novamente, e nunca Ele deixou de cumprir a Sua palavra.

Coffman (1983-1999, tradução nossa) pergunta: “Quem deve hesitar em emprestar a Deus?” E depois responde que a assistência e a ajuda, fornecidas aos pobres, são exatamente isso. O que distingue o cristianismo é o amor e a preocupação com os pobres e ninguém que não demonstra essa qualidade de caráter é um cristão genuíno.

E os exemplos de provérbios continuam confirmando: “Quem é generoso será abençoado, pois reparte o seu pão com o pobre.” (Pv 22.9). Kretzmann (1921-1923, tradução nossa) interpreta que aquele que reflete bondade, simpatia e caridade será abençoado; assim como ele dispensa a bênção, receberá bênção.

E, por fim, “quem dá aos pobres não passará necessidade, mas quem fecha os olhos para não vê-los sofrerá muitas maldições.” (Pv 28.27). Coffman (1983-1999, tradução nossa) comenta que Deus abençoa cristãos liberais e generosos. Já a referência a “maldições” reflete a amargura das pessoas pobres que sofrem por não conseguir recursos para atender suas necessidades básicas, que lhes são negadas por pessoas que vivem na riqueza e no luxo.

Poole (1685, tradução nossa) diz que o generoso não empobrecerá, ao contrário do que homens cobiçosos imaginam, mas, até mesmo, enriquecerá. E Constable (2012, tradução nossa) comenta que aqueles que dão aos pobres não terão falta do que precisam, que é a bênção de

Deus. Também poderão receber a benção de outras pessoas e benefícios materiais que Deus prometeu a israelitas generosos.

É impressionante como os educadores modernos também enfatizam a generosidade. Dayton (2003, p. 80) diz:

O Velho e o Novo Testamento dão muita ênfase à contribuição. De fato, há mais versículos relativos à contribuição do que qualquer outro assunto sobre dinheiro. Há ordens, sugestões práticas, exortações e exemplos relativos a essa faceta da mordomia cristã. Na Bíblia, toda forma de cobiça e ganância é condenada, enquanto que a generosidade e a caridade são encorajadas.

Bach (2004, p. 213, tradução nossa) escreve:

O que eu vou compartilhar com você é um sistema que é conhecido há aproximadamente tanto tempo quanto a civilização. É chamado dízimo. O que exatamente é dízimo? Dízimo é a prática proativa de devolver. É um princípio espiritual comum a muitas tradições que dizem que você deveria devolver uma parte do que recebe, que aqueles abençoados com abundância tem um dever de ajudar outros através de presentes de bondade, tempo, ideias e dinheiro. O que é incrível sobre o dízimo é que quando você o pratica você obtém um sentimento muitas vezes associado à aquisição de bens materiais. Você simplesmente se sente bem.

Cerbasi (2004, p.156,157) sugere:

Ganhem e doem: mas planejem-se para poder fazer isso sempre. Necessitados e associações beneficentes precisam de pessoas que doam. [...] Vocês contribuirão muito mais com a sociedade se respeitarem seus limites hoje e, à medida que enriquecerem, passarem a doar quantias maiores. Sugiro até que essas doações sejam um percentual da renda de seus investimentos, e não do salário. [...] Doação não consiste somente em dinheiro. Se dinheiro não sobra, doem seu tempo. Há muito trabalho voluntário a fazer pelos necessitados de nosso país.

Andrade (2005, p. 75,77), por outro lado, fala da dificuldade em fazer com que as doações e a generosidade realmente façam diferença na vida do receptor:

Embora seja correto considerar a caridade algo positivo e até necessário, é preciso entender que, em muitas circunstâncias, ela não ajuda a resolver o problema. É muito difícil alguém que vive recebendo caridade mudar de nível. O mais comum é que a pessoa comece agradecida, depois se acostume, passando a achar que é um seu direito receber e, por fim, adote uma postura de reivindicação e antigratidão. Isso faz com que ela permaneça no mesmo nível [...]. Assim, não basta o ato de doar por doar, como que satisfazendo a nossa própria consciência num ato apenas de auto-satisfação. É necessário discernir qual a melhor das alternativas, dentre as que se apresentam, sob o ponto de vista de utilidade. [...] É preciso, assim, fazer com que a pessoa saia do lado de quem pede e passe para o lado de quem tem prazer em doar.

Ronsvalle e Ronsvalle (1992, citados por Blomberg, 2009, p. 252) demonstraram em suas pesquisas que, “as quantias de dinheiro teoricamente necessárias para erradicar a pobreza

mundial poderiam ser obtidas simplesmente se todos os cristãos americanos dessem o dízimo; todos os outros ministérios cristãos ainda poderiam ser financiados no mesmo nível”.

Obviamente isso não considera os políticos corruptos, infraestruturas quebradas e obstáculos internacionais com relação à chegada do dinheiro às mãos do mais necessitado de forma que ajude ao longo do tempo, mas nos lembra de que existe muito mais que podemos fazer sem chegar perto de trocar de posição com o pobre.

Novamente se observa a coerência entre os provérbios e a opinião dos autores modernos. A generosidade não é assunto de importância secundária. Parece que a existência de pobres e pessoas que vivem em abundância sempre existiu e continuará existindo. É assunto complexo: nenhuma ideologia, nenhum sistema político, e nenhum regime de governo conseguiram resolver esta realidade. Algumas tentativas autoritárias de tirar dos ricos e dar aos pobres basicamente conseguiram deixar todos pobres.

Assim é compreensível que as soluções se encaminhem para estimular a generosidade dos ricos. Pessoas em situação de pobreza extrema dependem da caridade. Não há muito o que pensar. Era uma realidade no tempo de Salomão, e é uma realidade hoje. Como a natureza humana facilmente sucumbe ao egoísmo e à ganância é necessário que a generosidade seja estimulada. Quem a pratica pode contar com a bênção que paira sobre os doadores de coração caridoso.

## CONCLUSÃO

Neste estudo foram analisados alguns dos provérbios de Salomão que tratam de finanças pessoais. Após agrupar estes provérbios por temas, buscou-se entender o seu significado que foram comparados ao que autores e educadores modernos ensinam. Foi possível perceber a grande harmonia e coerência entre os provérbios e os ensinamentos da atualidade. Essa constatação reforça a ideia de que este assunto faz parte da sabedoria humana, que não muda no decurso do tempo. Mudam as circunstâncias, muda o cenário, porém a natureza humana se mantém constante. Lidar com as finanças é um assunto aparentemente racional, mas é muito influenciado pelas emoções que são inerentes à natureza das pessoas.

Pessoas que tomam decisões com sabedoria tem um índice de acertos muito maior. Sabedoria pode ser obtida a partir da experiência pessoal, porém este caminho é muito lento. É melhor acelerar a sabedoria pessoal agregando a experiência de terceiros.

Salomão tem muito a oferecer em termos de sabedoria. Segundo a Bíblia, a sabedoria foi lhe dada, de forma especial, por Deus. O mundo inteiro vinha até Salomão por sua sabedoria.

Assim deveria ser na atualidade. O mundo deveria vir até o povo de Deus e aprender. Deveria ser na igreja onde se encontram aulas sobre casamento e relações familiares, o melhor ensino sobre saúde e nutrição, e mesmo os mais úteis seminários sobre finanças. É uma vergonha que se tenha evitado tanto desta sabedoria, e tudo por ser considerado muito secular e pouco espiritual. (ANDERSON, 2008, p. 64).

Mesmo reconhecendo algumas ressalvas, sempre que possível, vale a pena colocar os provérbios em prática. Uma das ressalvas merece ser mencionada aqui: “Para que estes provérbios sejam verdadeiros mesmo que como generalizações, uma pessoa deve ter controle geral sobre o trabalho, a vida e a família, sem severos problemas sociais sistêmicos” (WITHERINGTON, 1994b: 73-74 citado por BLOMBERG, 2009, p. 64). Considerando que o Brasil oferece condições razoáveis de liberdade, eventuais restrições podem ser vencidas, geralmente, desde que haja a disposição para esforço e trabalho duros.

Diante disso, uma boa opção é reforçar as sugestões vistas. Tudo começa através de um trabalho árduo e diligente, que, na sociedade moderna, é dependente de uma qualificação profissional mínima. A qualificação é, provavelmente, a melhor herança que pais podem proporcionar a seus filhos. Obtida a renda como fruto do trabalho, cada pessoa precisa escolher o seu estilo de vida. Para evitar que este estilo seja determinado por pressão social ou simplesmente seguindo uma aparente maioria, com gastos acima da realidade pessoal, é necessário fazer escolhas que podem significar um “remar contra a maré”. Controlar os gastos e gerar um superávit são pré-requisitos para o caminho da prosperidade.

Algo que tem tirado muitas pessoas do caminho da prosperidade financeira são as dívidas. Na sociedade moderna, a oferta de crédito é ampla e as dívidas são estimuladas. É sábio aquele que faz a sua caminhada sem dívidas diretas e indiretas, que são aquelas em forma de fiança. O futuro é incerto e ao assumir dívidas compromete-se renda futura. Eventos inesperados podem trazer grande stress financeiro e colocar o próprio patrimônio já conquistado em risco.

Por outro lado, em vez de tomar emprestado do futuro em forma de crédito, é melhor separar parte da renda para fazer frente aos eventos inesperados do futuro. Quem forma uma reserva estará mais preparado para situações como doença, desemprego e a própria manutenção em idade avançada. As reservas assim constituídas devem ser investidas. Mesmo valores modestos, investidos sistematicamente ao longo da vida profissionalmente ativa – em torno de 40 ou mais anos – gerarão um patrimônio suficiente para fazer frente aos gastos da idade avançada. Para fazer o patrimônio crescer com o acréscimo de seus rendimentos, é importante diluir os riscos, diversificando os investimentos.

Por fim, à medida que uma pessoa vive em abundância, não deve se esquecer da generosidade. Nenhuma sociedade conseguiu erradicar totalmente a pobreza e sempre haverá oportunidade e necessidade de praticar a caridade. Esta prática trará um retorno positivo, chamado, pelos cristãos, de bênção de Deus, e no mundo secular, um sentimento de bem-estar e satisfação. Assim, este estudo permite concluir que a sabedoria dos provérbios de Salomão continua atual. Há harmonia e sintonia com os ensinamentos atuais sobre os mesmos temas. Sábios podem ser chamados aqueles que os praticam em suas vidas.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, Olivia. **Criando Riqueza**. São Paulo: Empiricus, 2016.
- ANDERSON, C. Thomas. **Becoming a Millionaire God's Way**. New York: Faith Words, 2008.
- ANDRADE, Júlio Sampaio de. **O Espírito do Dinheiro**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.
- BACH, David. **The Automatic Millionaire**. New York: Broadway Books, 2004.
- BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2000.
- BLOMBERG, Craig L. **Nem Pobreza, Nem Riqueza**. Curitiba: Esperança, 2009.
- CERBASI, Gustavo. **Casais Inteligentes Enriquecem Juntos**. São Paulo: Gente, 2004.
- CERBASI, Gustavo; BARBOSA, Christian. **Mais Tempo, Mais Dinheiro**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2009.
- CLARKE, Adam. **Adam Clarke Commentary**. 1832. Disponível em: <<http://www.studylight.org/commentaries/acc/.html>> Acesso em: 24.06.2017.
- COFFMAN, James Burton. **Coffman Commentaries on the Old and New Testament**. 1983-1999. Disponível em: <<http://www.studylight.org/commentaries/bcc/.html>> Acesso em: 24.06.2017.
- CONSTABLE, Thomas. **Expository Notes of Dr. Thomas Constable**. 2012. Disponível em: <<http://www.studylight.org/commentaries/dcc/.html>> Acesso em: 24.06.2017.
- DUNAGAN, Mark. **Mark Dunagan Commentaries on the Bible**. 1999-2014. Disponível em: <<http://www.studylight.org/commentaries/dun.html>> Acesso em: 24.06.2017.
- DAYTON, Howard. **O Seu Dinheiro**. Pompéia: Bless, 2003.
- EXELL, Joseph S. **The Biblical Illustrator**. 1905-1909. Disponível em: <<http://www.studylight.org/commentaries/tbi/.html>> Acesso em: 24.06.2017
- EWALD, Luís Carlos. **Sobrou Dinheiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GUZIK, David. **Bible Commentary Online**. 2017. Disponível em: <https://enduringword.com/>. Acesso em: 03.06.2017.

HALFELD, Mauro. **Seu Dinheiro**. São Paulo: Fundamento, 2004.

GILL, John. **The New John Gill Exposition of the Entire Bible**. 1999. Disponível em: <http://www.studylight.org/commentaries/geb.html>.> Acesso em: 24.06.2017.

HENRY, Matthew. **Matthew Henry Complete Commentary on the Whole Bible**. 1706. Disponível em: <http://www.studylight.org/commentaries/mhm.html>.> Acesso em: 24.06.2017.

HENRY, Matthew. **Matthew Henry Concise Commentary**. 1706. Disponível em: <http://www.studylight.org/commentaries/mhn.html>.> Acesso em: 24.06.2017.

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. **Pai Rico, Pai Pobre**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

KRETZMANN, Paul E. **Kretzmann's Popular Comentary**. 1921-1923. Disponível em: <http://www.studylight.org/commentaries/kpc.html>.> Acesso em: 24.06.2017.

MACEDO JUNIOR, Jurandir Sell. **A Árvore do Dinheiro**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível online em: <http://michaelis.uol.com.br>> Acesso em: 3/6/2017.

MIRANDA, Felipe. **Newsletter Empiricus Daily Pro de 25/4/2017**. Disponível para assinantes em: <https://store.empiricus.com.br>>.

POOLE, Matthew. **Matthew Poole's English Annotations on the Holy Bible**. 1685. Disponível em: <http://www.studylight.org/commentaries/mpc.html>.> Acesso em: 24.06.2017.

PORTAL BRASIL. 2017. Endividamento das famílias cai ao menor nível em quase sete anos. **In Economia e emprego**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/02/endividamento-das-familias-cai-ao-menor-nivel-em-quase-sete-anos-1>>. Acesso em: 08.06.2017.

TRAPP, John. **John Trapp Complete Commentary**. 1865-1868. Disponível em: <http://www.studylight.org/commentaries/jtc.html>.> Acesso em: 24.06.2017.

WHEDON, Daniel. **Whedon's Commentary on the Bible**. 1874-1909. Disponível em: <http://www.studylight.org/commentaries/whe.html>.> Acesso em: 24.06.2017.

WESLEY, John. **John Wesley's Explanatory Notes**. 1765. Disponível em: <http://www.studylight.org/commentaries/wen.html>.> Acesso em: 24.06.2017.